

A FESTA DO PINHÃO NA ESTÂNCIA CLIMÁTICA DE CUNHA COMO ATRIBUTO CULTURAL E ATRATIVO TURÍSTICO

Prof. Ms. Henrique Alckmin Prudente¹

RESUMO:

O presente artigo trata de relacionar o ambiente campestre com as festas populares, importante categoria de análise na esfera cultural, destacando de que forma fatores ligados à produção agrícola podem subsidiar importantes desdobramentos no *trade* turístico. A Estância Climática de Cunha, município localizado no Vale do Paraíba, estado de São Paulo, promove anualmente no mês de Abril a Festa do Pinhão. Trata-se de um evento que incrementa o acervo gastronômico propiciando ainda nova forma de geração de receita, fator imprescindível para unidades administrativas situadas fora de eixos de desenvolvimento urbano-industriais.

PALAVRAS-CHAVE: Estância Climática de Cunha; Turismo Cultural; Festa do Pinhão; Ambiente Rural.

¹ Henrique Alckmin Prudente é Bacharel em Comunicação Social pela FAAP, Bacharel e Licenciado em Geografia pela FFLCH-USP e Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Atua profissionalmente no Centro UNISAL, Centro Universitário Salesiano de São Paulo, em Lorena, onde é professor dos cursos de Geografia, História e Turismo e Coordenador do Curso de Geografia. É doutorando em Ciências da Comunicação pela ECA-USP e pesquisador do CELACC, Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação, da mesma instituição.

Dimensão Histórica

O Homem, desde os tempos mais remotos das antigas civilizações, apresenta como ponto crucial de diferenciação em relação aos outros seres vivos a experiência ímpar de acumular conhecimentos e de transmiti-los às gerações vindouras, numa tentativa de perpetuar traços marcantes de sua existência a seus descendentes conforme argumenta Maria Nazareth Ferreira.²

Neste processo de construção da identidade cultural há a mediação de três grandes alicerces balizadores: o espaço, o tempo e o movimento³. O espaço assume importância nesta secular jornada, pois se revela como a territorialidade, o palco material das experimentações e dos mecanismos de adaptação dos grupos humanos em relação aos elementos de ordem natural que os cercam. O tempo desponta a condição de tempo histórico, inerente à evolução do conhecimento, propiciando melhorias de ordem técnica calcadas em acumulações de experiências e realizações, e aos ciclos de expansão de certos sistemas de produção, fomentando com isto o aparecimento de economias com sutilezas conjunturais e estruturais bem específicas. Por fim, o movimento, tratando desta marcante passagem de conhecimentos como um processo dinâmico, carregado de simbioses e de sincretismos, impulsionando a conformação dos mais complexos atributos de ordem cultural.

Tomando esta premissa histórica, pode-se proceder ao estabelecimento de uma conceituação de cultura, fundamental para a plena análise das festas populares, concordando com Maria

² FERREIRA, Maria Nazareth. *As Festas Populares na Expansão do Turismo - A Experiência Italiana*. São Paulo: Arte & Ciência, 2005.

³ FERREIRA, Maria Nazareth. *Identidade Cultural e sua Relação com o Turismo*. In: Identidade Cultural e Turismo Emancipador. FERREIRA, Maria Nazareth (Org.) São Paulo: CELACC-ECA-USP, 2005, p. 31-38.

Nazareth Ferreira⁴ que define esta categoria como força de processos civilizatórios integradores e como instrumento de comunicação de extrema relevância.

O estudo das festas populares como atributo das culturas subalternas é recente no Brasil. Contudo, esta categoria de análise vem sendo objeto de preocupação de pesquisadores do CELACC, Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, através de projetos de pesquisa direcionados para o estudo da identidade cultural relacionada com o turismo emancipador, organizado de maneira sustentável, particularmente em municípios do Vale do Paraíba, Estado de São Paulo.

Um dos trabalhos realizados por Maria Nazareth Ferreira em uma de suas diversas pesquisas acerca da problemática cultural como pós-doutorado na Itália em 1998, possibilitou uma ampla discussão de uma das mais importantes facetas das culturas subalternas: as festas populares, analisando tanto as religiosas como as profanas naquele país, principalmente as realizadas em pequenas cidades, transformando-se em promissores atrativos turísticos e fontes sólidas de geração de receita para as municipalidades. Este trabalho aponta para a indissociável relação entre História, Cultura e Turismo, pois contempla as festas populares a partir de uma perspectiva contemporânea, agregada à expansão do turismo interno, regional, de curta duração e, ao mesmo tempo, concebendo estas manifestações a partir de um acúmulo de experiências humanas das mais ricas e diversificadas.

Neste contexto o alimento assume, tendo em vista os rituais agrários na Europa, desde os primórdios da Civilização Cristã, um papel ímpar como atributo cultural vivenciado cotidianamente pelas populações em suas respectivas comunidades e sociedades. As sagras,

⁴ FERREIRA, Maria Nazareth. *As Festas Populares na Expansão do Turismo - A Experiência Italiana*. São Paulo: Arte & Ciência, 2005.

que ritualizam a importância do alimento através da distribuição dos mais variados gêneros para as pessoas em diferentes tempos e espaços, são manifestações que consolidam esta condição fundamentalmente porque concretizam uma louvação à natureza e uma retribuição pelo sustento adquirido, mediante muitas dificuldades imprevisíveis e muito trabalho e que pode ser acessível graças às possibilidades do ciclo agrário associado com as condições climáticas e geográficas.

É possível fazer uma relação de algumas das festas populares vinculadas com o ciclo agrário estudadas por Ferreira com a Festa do Pinhão, celebração contemporânea que integra o calendário anual de eventos da Estância Climática de Cunha. Assim, podem ser enumeradas algumas festas que apresentam certa similaridade tais como o *Calendimaggio*, festa que celebra a primavera e as flores, realizada na cidade de Assisi. Este evento ressalta a relação homem-natureza com a chegada da nova estação que, no Hemisfério Norte, ocorre no final de Março. Da mesma forma ocorre com a festa medieval em *Olevano Romano*, trazendo a incorporação em seus ritos de alimentos importantes que modelam a identidade cultural na Bacia do Mar Mediterrâneo, como os vinhos e o azeite. Pode ser citada ainda a festa medieval de *Cori*, importante centro agrícola e entreposto comercial, trazendo uma peculiar relação com a Estância Climática de Cunha, tendo em vista que o município paulista tornou-se um centro agrícola relevante, possuindo desde o século XIX até meados dos anos 40 do século passado uma funcionalidade ligada ao setor agropecuário devido ao abastecimento de inúmeros gêneros alimentícios como feijão, mandioca, milho, carne bovina e suína, leite, queijos, frutas etc. Além destes produtos Cunha, na virada do século XIX para o XX, exportou vinho para os mercados de Taubaté e de São Paulo⁵.

⁵ VELOSO, João José de Oliveira. *A Vitivinicultura Cunhense*. Centro de Cultura e Tradição de Cunha. Museu Municipal Francisco Veloso. Cunha: 2006.

Tais aspectos influenciaram sobremaneira o movimento populacional. Segundo dados do SEADE⁶, Cunha chegou a ter, em 1920, 20.171 habitantes, sendo que 20 anos depois, em 1940, sua população total chegou a 24.818 moradores, constituindo-se em um dos mais populosos municípios do Vale do Paraíba, suplantando cidades como São José dos Campos, Jacareí e Pindamonhangaba⁷.

A dinâmica capitalista do pós-II Guerra Mundial, encabeçada pelo modelo de desenvolvimento e de acumulação norte-americano, produziu intensas modificações nas funcionalidades dos territórios valeparaibanos, a começar pela construção da Rodovia Presidente Dutra, inaugurada em 1951, que deslocou as atividades produtivas dos municípios localizados no Vale Histórico, como Silveiras, São José do Barreiro e Bananal, e, posteriormente, pela formação de regiões industriais prósperas que passaram a atrair grande contingente populacional como São José dos Campos e Taubaté.

As áreas agrícolas sofreram de modo contundente estas transformações devido às constantes migrações populacionais e às perdas de valor econômico dos produtos do campo, tendo o produtor rural local que arcar, mais recentemente, com a concorrência de grandes corporações internacionais que trabalham com uma escala de compra e venda de produtos que oblitera muitas tentativas de produção em pequena densidade, comprimindo as economias regionais além de favorecer ao desaparecimento do pequeno comércio em suas mais diferentes modalidades, tanto nos perímetros urbanos como nas zonas rurais.

Tal episódio se confirma diante da recente constituição, na Serra Gaúcha, de associações ligadas à vitivinicultura e constituídas por pequenos produtores, como a Associação Gaúcha de Engarrafadores de Vinho, a Agevin, no município de Flores da Cunha, e a Associação de

⁶ Sistema Estadual de Análise de Dados <www.seade.gov.br>. Acesso em 21/08/2007.

⁷ A população total de Cunha atualmente é de 23.587 habitantes; dado referente ao ano de 2006.

Produtores de Vinho de Monte Belo do Sul, a Aprobello, no município de mesmo nome. Uma das vantagens oferecidas é a redução dos custos de produção, tendo em vista a unificação das compras de diversos insumos gerando maior competitividade frente à economia de escala e às investidas cada vez mais ousadas de grandes empresas estrangeiras no mercado interno brasileiro. A união de esforços em prol de melhores condições de produção vem gerando constantes economias que chegam a 20% através de descontos quando da aquisição de determinados produtos que integram o circuito produtivo⁸.

O estudo da Festa do Pinhão em Cunha é indispensável para a devida compreensão das mudanças que estão ocorrendo no ambiente rural do município que é marcado, na vanguarda do século XXI, por rupturas com o modo de vida tradicional, baseado na produção agropecuária de subsistência, para um cenário estrutural cuja base econômica está fortemente atrelada à expansão do turismo. Pode-se afirmar então que, não apenas em Cunha, mas em tantas outras localidades brasileiras, o espaço rural está sendo marcado por atividades não agrícolas, dimensionadas para um patamar em que se encontra o oferecimento de serviços, muitos dos quais de comércio de produtos re-elaborados, material e simbolicamente, como uma das facetas de movimentos encabeçados pela globalização capitalista.

A problemática cultural assume relevância nesta perspectiva, pois se encontra no cerne de questões cruciais que se colocam na contemporaneidade. São questões que assumem grande importância no meio acadêmico como, por exemplo, a discussão das identidades em âmbito global no contexto do “choque de civilizações”, sustentado por Samuel Huntington⁹, e o caráter fluído da cultura neste novo século, analisado por autores como Zygmunt Bauman¹⁰

⁸ Para maiores informações ver: “Pequenas vinícolas se unem para enfrentar a concorrência”. O Estado de S. Paulo, 28/08/2007, pág. B17.

⁹ Ver: HUNTINGTON, Samuel. *O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

¹⁰ Ver: BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

que qualifica este contexto como “modernidade líquida” numa referência à crise das mais variadas instituições tradicionais do início do século XX, tais como família, igreja etc.

A expansão capitalista no pós-II Guerra e, conseqüentemente, a propagação do turismo, atrelado ao capitalismo financeiro, bem como das demais atividades do segmento de serviços já nos fins do século XX e início do século XXI, são elementos que constituem um contexto inseparável no qual estão inseridas as festas populares com inúmeras contradições, inquietações e conflitos.

Construindo o Cenário

No alvorecer do século XXI há um consenso sendo reproduzido: a inexorabilidade da globalização capitalista. Porém este aspecto não elimina o caráter diverso que está por detrás das diferentes interpretações acerca deste processo. Há teóricos e pesquisadores, como Octávio Ianni¹¹, irredutíveis do pensamento que delega ao capital o poder soberano e absoluto nesta fase acentuada de desigualdades brutais em todo o planeta. Outros como Francis Fukuyama¹², sustentam a vitória do capitalismo num patamar de relações socioeconômicas e políticas sem grandes conflitos, sobretudo entre as nações. Já pesquisadores como Milton Santos¹³ acreditam em uma transformação originada nas classes populares em prol de um sistema mais justo de distribuição de riquezas, contrariando as diretrizes do grande capital transnacional que foram apontadas também por Atílio Borón¹⁴, Emir Sader¹⁵ e outros pesquisadores em suas considerações acerca do neoliberalismo.

¹¹ IANNI, Octavio. *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

¹² FUKUYAMA, Francis. *“The End of history and the last man”*. New York: The Free Press, 1992.

¹³ SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização – Do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

¹⁴ BORÓN, Atílio. A sociedade civil depois do dilúvio neoliberal, p. 63-118. In: SADER, Emir & GENTILI, Pablo. (Orgs.) *Pós-neoliberalismo – As políticas sociais e o estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

¹⁵ SADER, Emir & GENTILI, Pablo. (Orgs.) *Pós-neoliberalismo – As políticas sociais e o estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

Contudo é necessário realizar uma leitura destes processos que aponte para a explicitação do caráter exploratório existente neste contexto: a geração das desigualdades em escala vertiginosa. O fato é que, tendo-se como premissas a expansão capitalista do pós-II Guerra e o avanço técnico-científico, a globalização econômica alarga a polarização social. Em relação ao caráter opressivo dos *media* há a perda, paralelamente à diluição dos padrões de renda das classes trabalhadoras, dos traços identitários de diversos grupos comunitários, bem como do caráter simbólico e lúdico dos sistemas de comunicação populares.

O individualismo é um dos expedientes mais poderosos desta estrutura global, pois dilacera o caráter de coesão dos grupos populares, legitimados agora perante os apelos do consumo de bens e de serviços atrelado ao fetiche da mercadoria.¹⁶

Uma outra faceta deste emblema consensual da contemporaneidade é, sem dúvida, o avanço da atividade turística em escala global, mas que traz na escala regional uma expansão sem precedentes, tendo em vista a crise estrutural do emprego e o aumento das horas sem trabalho, potencializando o ócio. Concomitantemente, os mecanismos de automação na indústria convergem para reduzir consideravelmente as oportunidades de empregos no setor secundário da economia, o que favorece a acentuada expansão do setor de serviços em diversas nações do mundo.

Na escala do turismo regional os estudos e as pesquisas protagonizados pelo CELACC¹⁷ vêm contribuindo para uma discussão e um debate acerca da importância do turismo regional, situado fora dos grandes movimentos de mobilização de capitais para o fomento de viagens ao exterior, o que satisfaz interesses de companhias aéreas, de redes de hotéis, de agências de viagens e operadoras em um nível eminentemente global.

¹⁶ Ver: GALHARDO, Soledad *A formação de novos sentidos na cidade: Media e processos culturais*. 2003, 232 f. Tese (doutorado em Ciências da Comunicação). ECA/USP, São Paulo.

O turismo regional traz à tona o turismo cultural e outras segmentações, como o turismo ecológico e o turismo rural, sustentados nas práticas cotidianas das classes subalternas e, com isso, tornando-se indispensáveis mecanismos inversores em relação às entidades de caráter internacional ao possibilitar a geração de ganhos e de receitas no circuito de pequenas cidades e de regiões e lugarejos bem peculiares, fator essencial, fundamental e vital ao Brasil em virtude de crescentes demandas de ordem econômica e social por parte da população. Estas atividades encontram-se sedimentadas em um turismo constante que pode ser realizado nos finais de semana ao longo de todo o ano e não apenas em feriados ou em férias esporádicas.

A historicidade, principalmente em se tratando das festas populares, se revela como o lócus da dialética, como matriz de mecanismos que objetivam a transformação social. Tem-se com isto um das principais premissas do trabalho acadêmico, independente dos níveis em que estão situados: conhecer o objeto de estudo para transformá-lo em prol de uma vida digna e de uma existência mais plena¹⁸. As transformações no seio social são decorrentes dos conflitos. Estes são as verdadeiras molas que impulsionam as distintas civilizações humanas ao longo da História¹⁹.

O desenvolvimento do capitalismo enquanto modo de produção traz constantes mudanças em relação aos mecanismos de dominação. Para Karl Marx²⁰ há uma modificação da estrutura de domínio dos indivíduos perante o Estado e perante as gradações de poder da sociedade civil para as relações de trabalho, as divisões de classes sociais e as intermediações do capital trazendo a acumulação, a expansão e a reprodução. Em uma etapa mais atual, a partir da

¹⁷ Ver: PRUDENTE, Henrique Alekmin. *Culturas Subalternas e Turismo Emancipador na Estância Climática de Cunha - SP*. 2003, 234p. Dissertação (mestrado em Ciências da Comunicação). ECA/USP, São Paulo.

¹⁸ Fonte: Anotações de aula. Disciplina: *Alternativas do Conhecimento Científico em Cultura e Comunicação Social* - Profª. Dra. Maria Nazareth Ferreira - ECA/USP, 2001.

¹⁹ Idem nota 9.

²⁰ MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

segunda metade do século XX, este domínio é mediado também pela indústria cultural e pela cultura hegemônica.

No enfoque das culturas subalternas duas categorias sociais se fazem presentes e indispensáveis em análises acerca desta realidade na América Latina: o indígena e o afro.²¹ Estas categorias são portadoras no âmbito cultural de alternativas frente ao atual consenso que prega a acumulação alicerçada no ideário da globalização capitalista.

Frente às considerações de Antonio Gramsci²² acerca da mobilização social, procura-se com o estudo das festas populares a análise de novas tentativas de construção de elementos emancipatórios de grupos sociais, tendo em vista a perda do caráter ideológico dos partidos políticos e dos sindicatos dos trabalhadores, diferentemente do que ocorria durante o período da obra gramsciana no início do século XX.

A cultura, partindo destas premissas, age na transformação social partindo das práticas cotidianas, mediadas nas relações entre os sujeitos sociais. Desta forma pode-se afirmar a inseparabilidade entre a cultura e o engajamento político em seu sentido pleno.

Para Maria Nazareth Ferreira²³ a “cultura pode ser compreendida como um processo que se conserva e renova-se permanentemente somente na prática social”. Afirma ainda que “esta ótica amplia o sujeito produtor/receptor/consumidor de cultura a todo o universo social”.

Neste sentido é preciso ainda salientar o caráter simbólico das festas populares, sustentado não somente no imaginário dos grupos sociais, mas também no caráter diretivo das

²¹ NOGUEIRA, Silas. *Cultura e resistência - Considerações sobre o cotidiano, a alienação e a individualidade*. In: *Extraprensa*, nº. 9, CELACC, ECA/USP, p. 35-37.

²² Ver: GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

²³ FERREIRA, Maria Nazareth (Org.) *Globalização e identidade cultural na América Latina*. São Paulo: CEBELA, 1995.

. *Cultura, comunicação e movimentos sociais*. São Paulo: CELACC, ECA/USP, 1999.

instituições e nos próprios processos que se articulam a partir da base material vinculada ao território e ao espaço geográfico. Para Soledad Galhardo²⁴:

Os sistemas simbólicos unificam o imaginário social, arquitetam as finalidades e a funcionalidade das instituições e dos processos sociais. Através dos múltiplos imaginários, uma sociedade traduz visões que coexistem, superpõem-se ou excluem-se enquanto forças do cotidiano.

O caráter concreto do cotidiano é sustentado em inúmeras experiências das mais enriquecedoras dentro das diferentes esferas e facetas sociais. São a partir destas experiências que se constroem novos sistemas de comunicação ampliando o leque de atuação das culturas subalternas em suas mais diversas gradações.

“Embrião” Cultural e Turístico

A Festa do Pinhão em Cunha assume na lógica da reprodução capitalista e da expansão do turismo a construção de bens simbólicos associada a três grandes dimensões: econômica, política e cultural. Estas dimensões são continuamente construídas em um processo dinâmico, interagindo-se mutuamente, tendo em vista que se trata de um evento integrado como atrativo turístico a partir de 2001 e que carrega grande importância frente às transformações trazidas pelos primeiros anos do novo século que se inicia.

Há uma dimensão econômica traduzida pelo valor que se agrega ao pinhão com a festa, não apenas de Cunha, mas também em outros municípios brasileiros, como Visconde de Mauá, Estado do Rio de Janeiro, Campos do Jordão, junto a Serra da Mantiqueira no Estado de São Paulo, e Lajes, Estado de Santa Catarina. Todas as localidades estão situadas junto ao domínio da *Araucaria augustifolia*, espécie de pinheiro nativo de áreas de serras e planaltos das regiões Sul e Sudeste do Brasil, junto aos domínios dos climas subtropical, na Região Sul, e tropical de altitude, na Região Sudeste.

²⁴ GALHARDO, Soledad. *A formação de novos sentidos na cidade: Media e processos culturais*. 2003, 232 f.

Aziz Ab'Sáber²⁵ destaca o domínio dos bosques de araucária em áreas do Sul e do Sudeste brasileiro compondo a tipologia paisagística definida como “planaltos de araucárias e pradarias mistas”, salientando ainda o caráter cênico da fisionomia desta espécie de pinheiro graças à “altura e elegância do porte”²⁶ de seus exemplares.

Ainda hoje sobrevivem, milagrosamente, alguns prados e bosques de araucárias nos arredores de Curitiba e de Lajes, com interrupções fora dos planaltos meridionais até encaves distantes, como os altos de Campos do Jordão, a região de Monte Verde ou pequenos setores do maciço da Bocaina e do município de Barbacena, em Minas Gerais.

O atributo de ordem econômica possibilitou o aumento considerável da saca de pinhão, tendo em vista que antes da festa cunhense ser instituída o preço da saca de 60 kg não passava de R\$8,00. A partir da 6ª edição da festa, realizada em 2006, e com a 7ª edição, realizada em 2007, o valor já chegou a R\$50,00. Este fato motivou a criação de uma associação de coletores do pinhão no Bairro Paraibuna, localizado junto ao Núcleo Cunha/Indaiá do Parque Estadual da Serra do Mar. O papel desta associação, segundo um gestor privado do turismo de Cunha, é importante porque visa organizar o sistema de coleta e mediar também o valor de comercialização deste produto, adquirido anualmente pelo CEASA, de São Paulo²⁷.

Em comparação entre as edições de 2005 e de 2006, pode-se afirmar que no último ano citado houve uma sensível melhora percebida empiricamente na questão da organização da festa de maneira global, envolvendo o aumento do número de barracas assim como a melhora da decoração de seus ambientes internos e de todo o entorno, e a variedade maior de alimentos à base de pinhão. Um importante gestor privado local, responsável pela administração da festa em 2006 e proprietário de pousada na zona rural, frisou de forma clara a diferença entre a organização do Poder Público cunhense na festa de 2005, ano em que teve início uma nova

Tese (doutorado em Ciências da Comunicação). ECA/USP, São Paulo.

²⁵ AB' SÁBER, Aziz. *Os domínios de natureza no Brasil. Potencialidades paisagísticas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 101-102.

²⁶ Idem, p. 102.

²⁷ Fonte: Depoimento realizado em 28/04/2006.

legislatura no âmbito de prefeituras e câmaras municipais em todo o Brasil, e a organização promovida em conjunto com a CUNHATUR²⁸ em 2006.

Porque nós da CUNHATUR nós somos profissionais da área. Na área de turismo, de lazer e a gastronomia, principalmente a gastronomia. E agora com esta parceria o negócio funcionou porque nós fizemos umas exigências, ... na escolha do pessoal para participar e a comida que iria servir. Tudo isso não é. E demos, fizemos também um concurso da barraca mais arrumada, não é... o tratamento, o produto a ser oferecido.²⁹

Segundo uma integrante de uma das barracas, a Barraca da Dona Neide, houve aumento no preço da saca de 2006 tendo em vista que no anterior, em 2005, a promoção da festa foi realizada de forma deficiente, pois não ocorreu a devida divulgação junto à mídia regional. Neste mesmo ano de 2005 também não havia ocorrido parceria entre a Coordenadoria de Turismo e Cultura da Prefeitura Municipal e a CUNHATUR. Para outro proprietário de barraca, em 2005 os preços da saca foram muito baixos, estando cotados em R\$12,00 cada, ao passo que no ano seguinte atingiu o preço de R\$60,00, valorizando-se cerca de 500%. Esta valorização traz benefícios aos sitiantes que residem nos principais bairros coletores de pinhão do município, quais sejam: Aparição, Campo Alegre, Monjolo, Paraibuna e Pinhal³⁰.

As diferenças apontadas entre as duas formas de encaminhamento das questões culturais e turísticas em Cunha suscitam a retomada de duas premissas fundamentais que já nortearam algumas pesquisas protagonizadas pelo CELACC. Torna-se cada vez mais latente a visualização da inoperância e da incompetência do Poder Público na promoção de políticas voltadas para estas duas áreas: a cultura e o turismo. Este aspecto se agrava pela geratriz política da sociedade brasileira ao longo dos séculos sustentada pelo paternalismo e pelo patrimonialismo. São fatores que contribuem para a não separação entre as esferas pública e privada dentro das funções exercidas pelos partidos políticos, cada vez mais comprometidos

²⁸ CUNHATUR: Associação dos Proprietários de Hotéis, Pousadas, Restaurantes, Bares, Similares e dos Artesãos de Cunha.

²⁹ Fonte: Trabalho de campo realizado em 28/04/2006.

³⁰ Idem nota anterior.

com o capitalismo politicamente orientado, já advertido com exemplar propriedade por Raymundo Faoro³¹.

Este caráter compromete outra importante premissa difundida pelo CELACC: as pequenas cidades, como as situadas na região do Vale Histórico, contam apenas com o turismo para se desenvolverem de modo a estarem situadas neste cenário incerto da globalização capitalista com diretrizes para um turismo sustentável, que possua uma gestão marcada pela participação plena dos mais relevantes segmentos sociais, de modo a consolidar uma comunidade receptora protagonista e consciente.

Para José Rafael Sirgado³², o turismo planejado e socialmente estruturado traz ganhos incomensuráveis às comunidades dos núcleos receptores através da geração de uma escala econômica regional, apresentando as seguintes características:

- manutenção e incentivo do patrimônio econômico no meio rural;
- ativação do comércio local e dos serviços de alimentação;
- promoção dos recursos através de qualificação da mão-de-obra local, e
- oferecimento de originalidade e diversificação dos produtos turísticos.

No Brasil, em suma, as políticas culturais e de turismo devem incorporar imprescindíveis ganhos por meio do oferecimento de serviços sociais essenciais às comunidades receptoras provendo as mesmas de equipamentos públicos e estimulando a criação e a gestão de associações e entidades voltadas para as mais diversas demandas locais. Estes fatores devem ser compreendidos como inseparáveis face às crescentes e latentes demandas que inquietam amplos segmentos da sociedade.

³¹ FAORO, Raymundo. *Os donos do poder. Formação do patronato político brasileiro*. São Paulo: Globo, 2001.

³² SIRGADO, José Rafael. *Espaço turístico e desenvolvimento no Cone Leste Paulista*. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri (Org.) *Turismo Rural – Práticas e Perspectivas*. São Paulo: Contexto, 2003.

Durante a VII Festa do Pinhão, realizada de 19 de abril a 6 de maio de 2007, a quantidade de produtos à base do embrião da araucária oferecidos nas 9 barracas localizadas na praça de alimentação, nas imediações da praça central Cônego Siqueira, chegou a mais de 20.³³ Apenas uma barraca não comercializou produtos com pinhão: a Barraca do Veloso, que têm como principais alimentos pastéis dos mais variados sabores, desde os tradicionais pastéis salgados até pastéis doces feitos com banana e goiabada. A barraca Empório Remzi, alambique, pousada e restaurante de Cunha, comercializou apenas pinhão cru, pois o diferencial deste estabelecimento é a venda de diversos tipos de cachaças, destacando-se as famosas cachaças frutadas, envelhecidas em tonéis de araucárias, e produzidas no bairro do Alto do Guaranjanga, no antigo Caminho do Ouro, na zona rural cunhense.

³³ Relação de algumas das barracas da VII Festa do Pinhão de Cunha e dos produtos vendidos elaborados com pinhão:

1. Barraca da APAE – arrecadação do dinheiro dos produtos é direcionada para a APAE de Cunha

Produto	Preço (R\$)
Caldo de pinhão	3,00
Croquete de pinhão – porção	3,00
Pinhão cozido – copo 300 ml	0,50
Pinhão cru – kg	1,00

2. Barraca do Wilson (produtor de shitake)

Produto	Preço (R\$)
Bolo de pinhão com açúcar mascavo	5,00
Conserva de pinhão	
- vidro 200 ml	4,00
- vidro 600 ml	6,00
Copo com pinhão cozido	0,50
Picanha na chapa com farofa de pinhão	12,00
Pinhão cru – 2 kg	3,00

3. Barraca da Associação de Produtores do Bairro Aparição

Produto	Preço (R\$)
Conserva de pinhão	6,00
Doce de banana com pinhão	2,00
Paçoca de pinhão	1,50
Pão de pinhão	7,00

4. Barraca do Produtor (Bairro do Sítio – Estrada Paraibuna)

Produto	Preço (R\$)
Bolo de pinhão	
- pedaço	1,00
- inteiro	5,00
Coxinha de frango com pinhão	1,00
Farofa de pinhão – porção	2,00
Pão de pinhão	5,00
Pinhão com bacon – porção	1,50
Pinhão cozido – copo	0,50
Pinhão temperado com vinagrete – 100g	1,00
Risoles de carne com pinhão	1,00

Após as primeiras semanas da festa, quando o preço da saca geralmente atinge o pico, verifica-se uma ligeira queda neste valor, passando da casa dos R\$50,00 ou R\$40,00 para o patamar de R\$30,00. Em supermercados da região de Guaratinguetá e Lorena, municípios limítrofes a Cunha, o pinhão cru é comercializado na primeira quinzena de abril com o valor de R\$1,20 o quilo, chegando a atingir R\$1,40 de preço máximo. A partir de meados de maio este preço cai vertiginosamente, chegando a R\$1,00 e a R\$0,80 no final deste mês e início de junho³⁴.

Além das oscilações de preço, que podem eventualmente prejudicar a economia de sítios, a gestão de cooperativas e a geração de receita por parte de estabelecimentos que comercializam o pinhão, há ainda o custo da colheita do produto, que se inicia no mês de abril. Este valor gira em torno do patamar de R\$80,00 o dia/homem/trabalho³⁵.

A alta qualidade do pinhão de Cunha propicia também suscitar a dimensão cultural através das contínuas incorporações do produto junto aos hábitos alimentares tanto dos cunhenses quanto dos turistas que visitam o município. Este fator se dá através da criação de receitas com o pinhão em restaurantes e na criação do Festival Gastronômico, evento que acontece anualmente e paralelamente à Festa do Pinhão, quando alguns restaurantes oferecem pratos específicos com o produto como carnes, caldos, massas e peixes.

O Festival Gastronômico do Pinhão iniciou-se um ano depois da primeira Festa do Pinhão, ou seja, em 2002. É promovido pela CUNHATUR e tem a participação de alguns restaurantes locais que procuram diversificar os pratos à base de pinhão através de receitas com caldos, carnes, assadas e cozidas, massas, peixes e frutos do mar, e saladas.

³⁴ Fonte: Sondagem realizada nos meses de abril, maio e junho de 2007.

³⁵ Fonte: Trabalho de campo realizado em 28/04/2007.

Estabelecimentos participantes do VI Festival Gastronômico do Pinhão

Restaurante	Prato
Estalagem e Restaurante Shambala	Filé crocante de linguado ao molho de pinhão
Hotel Fazenda Santa Bárbara	Filé de pinhão
Pousada e Restaurante Dona Felicidade	Lagarto ao molho de pinhão
Pousada e Restaurante dos Girassóis	Casmuquim talharim ao molho de camarão com pinhão
Pousada e Restaurante Recanto Uruguayo	Filé de frango com pinhão
Pousada e Restaurante Terra Viva	Carne seca com pinhão / Bolo de pinhão
Pousada e Restaurante Vale das Cachoeiras	Lasanha com pinhão
Pousada e Restaurante Vila Rica	Torta de pinhão com shitake
Restaurante Quebra-Cangalha	Abadejo ao molho de pinhão com bananas assadas

Fonte: CUNHATUR, 2007.

Estas três dimensões formam o alicerce que demarca a Festa do Pinhão em Cunha como produto turístico. Embora não havendo rituais, pois durante a festa barracas são montadas na Praça Cônego Siqueira nas quais proprietários de restaurantes, de pousadas e de propriedades rurais comercializam os produtos e em um palco são realizados eventos musicais, a Festa do Pinhão incorpora um elemento de ordem material vindo da pinha, extraída da Araucária de abril a junho. Há com isto a exaltação de um elemento vindo da natureza graças às condições de temperatura oferecidas pelo clima tropical de altitude, que é caracterizado por um verão com temperaturas mais amenas do que no domínio do tropical típico e, obviamente, temperaturas durante o inverno mais baixas o que favorece o crescimento desta exuberante árvore.

Considerações Finais

Neste contexto o estudo das festas populares, como a Festa do Pinhão na Estância Climática de Cunha, torna-se fundamental para a plena compreensão do caráter festivo como devaneio, ou seja, como um elemento de evasão da realidade cotidiana, saturada de problemas das mais variadas esferas, sobretudo em áreas metropolitanas, caracterizadas pela depreciação das condições de vida. O turista pode desfrutar, mediante estas características, mecanismos que são, ao mesmo tempo, de fuga e de contemplação. Com isto podem ser fortalecidos elementos que contribuem para que se reproduza uma realidade menos perversa através de conquistas e de ganhos em prol dos núcleos receptores.

REFERÊNCIAS

- AB' SÁBER, Aziz. Os domínios de natureza no Brasil. Potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003,
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BORÓN, Atílio. A sociedade civil depois do dilúvio neoliberal. In: SADER, Emir & GENTILI, Pablo. *Pós-neoliberalismo – As políticas sociais e o estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000, p. 63-118.
- FAORO, Raymundo. *Os donos do poder. Formação do patronato político brasileiro*. São Paulo: Globo, 2001.
- FERREIRA, Maria Nazareth (Org.) *Globalização e identidade cultural na América Latina*. São Paulo: CEBELA, 1995.
- _____. *A tradição e seu significado para o turismo cultural: O Vale do Paraíba*. São Paulo: CELACC, ECA/USP, 1999.
- _____. *As festas populares na expansão do turismo – A experiência italiana*. São Paulo: Arte & Ciência, 2005.
- GALHARDO, Soledad. *A formação de novos sentidos na cidade: Media e processos culturais*. 2003, 232 f. Tese (doutorado em Ciências da Comunicação). ECA/USP, São Paulo.
- GARCIA CANCLINI, Néstor & RONCAGLIOLO, Rafael. *Cultura transnacional & Cultura popular*. Lima: IPAL, 1988.
- HUNTINGTON, Samuel. *O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.
- NOGUEIRA, Silas. *Cultura e resistência – Considerações sobre o cotidiano, a alienação e a*

individualidade. In: *Extraprensa*, nº 9, CELACC, ECA/USP, p. 35-37.

PRUDENTE, Henrique Alckmin. *Culturas subalternas e turismo emancipador na Estância Climática de Cunha – SP*. 2003, 234p. Dissertação (mestrado em Ciências da Comunicação). ECA/USP, São Paulo.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização – Do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SIRGADO, José Rafael. *Espaço turístico e desenvolvimento no Cone Leste Paulista*. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri (Org.) *Turismo Rural – Práticas e Perspectivas*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 69-98.

VELOSO, João José de Oliveira. *A Vitivinicultura Cunhense*. Centro de Cultura e Tradição de Cunha. Museu Municipal Francisco Veloso. Cunha: 2006.

Site consultado:

<www.seade.gov.br>. Acesso em 21/08/2007.